

Produtividade do trabalho em Portugal – Empresas Top Performers¹

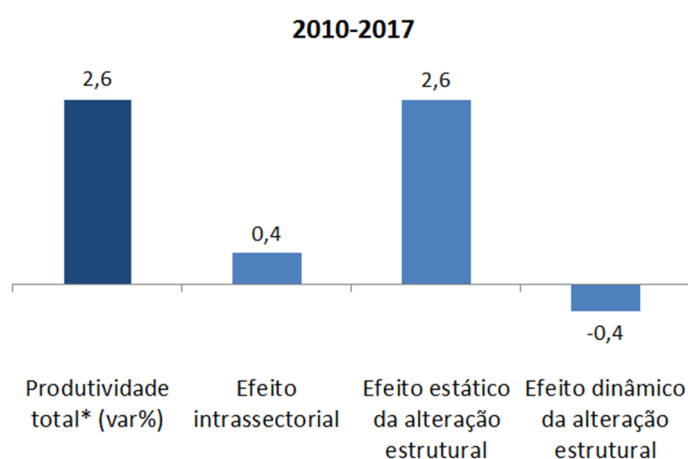
Rita Bessone Basto², Ana Martins³, Ana Rita Mateus⁴ e Guida Nogueira⁵

1. Enquadramento

O crescimento da produtividade do trabalho tem vindo a desacelerar na última década na maioria dos países da União Europeia (UE), incluindo Portugal. Tendo em conta que Portugal regista níveis de produtividade mais baixos do que os da UE, esta desaceleração é ainda mais desfavorável ao processo de convergência à média da UE6.

Entre 2010 e 2017, a produtividade do trabalho (VAB por número de trabalhadores) em Portugal cresceu 2,6% (2,3% se incluir a Administração Pública - Seção O da CAE). O aumento de produtividade foi mais expressivo nos sectores da Energia, Água e Construção, Indústria e Primário. O crescimento da produtividade neste período resultou da transferência de trabalhadores dos sectores menos produtivos para os sectores que, em 2010, eram mais produtivos (efeito estático de alteração estrutural), sendo maioritariamente explicado pela transição do emprego para serviços de natureza económica. Um outro factor positivo foi que, sem considerar as alterações estruturais na Economia, os aumentos (perdas) de produtividade ocorreram em sectores com um maior (menor) peso na economia (efeito intrassectorial) (Gráfico1).

Graf. 1. Produtividade: desagregação por efeitos



Fonte: Eurostat.

Nota: Exclui a Administração Pública.

Esta nota expõe brevemente a evolução da produtividade do trabalho entre 2010 e 2017, para caracterizar a heterogeneidade inter e intrassectorial em 2017, apresentando ainda as características que distinguem as empresas com níveis superiores de produtividade por comparação com as restantes. Apresenta, finalmente, um exercício exploratório com uma análise simples de cenários de melhoria de produtividade das empresas com níveis inferiores de produtividade.

¹ As opiniões expressas no documento são da responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a perspetiva do Ministério da Economia.

² Gabinete de Estratégia e Estudos.

³ Gabinete de Estratégia e Estudos.

⁴ Gabinete de Estratégia e Estudos.

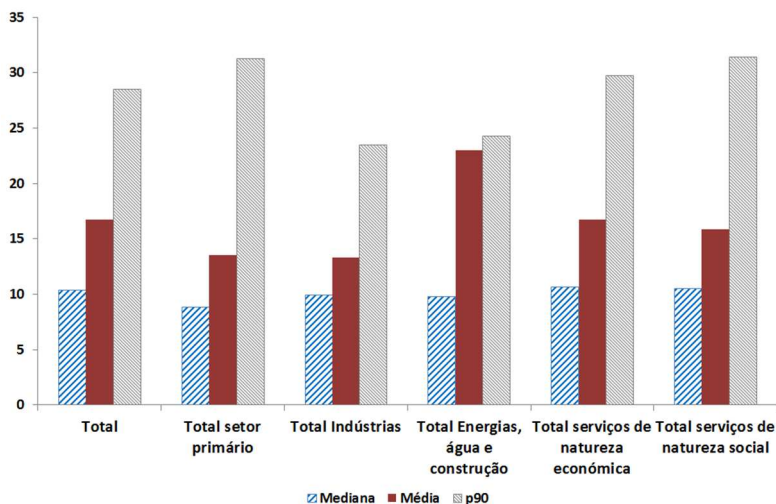
⁵ Gabinete de Estratégia e Estudos.

⁶ Uma análise detalhada desta evolução pode ser encontrada no 1º Relatório do Conselho para a Produtividade, de março de 2019.

2. Produtividade do Trabalho – Comparação setorial

A análise da produtividade nas várias atividades económicas revela uma significativa heterogeneidade setorial (Gráfico 2), com os sectores dos serviços a exibirem níveis superiores de produtividade média. O sector secundário apresenta uma desigualdade superior em termos de produtividade do trabalho, com algumas empresas muito produtivas da área da Eletricidade, gás e afins a influírem decisivamente na média dessa atividade. O sector primário exibe uma significativa dispersão de níveis de produtividade do trabalho.

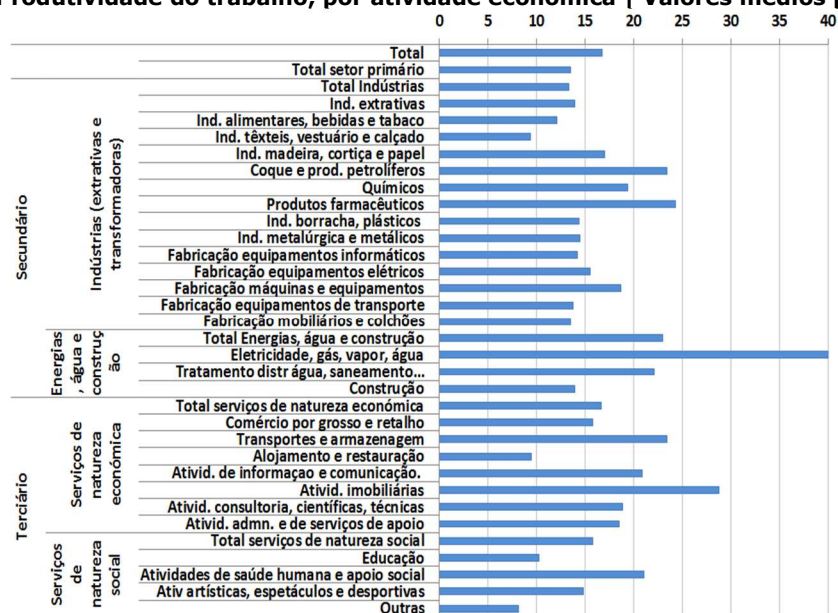
Graf. 2. Produtividade do trabalho, por sector de atividade | Valores medianos, médios e do percentil 90 para 2017



Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP).

Nota: Ver Nota Metodológica para os detalhes dos cálculos e da agregação das atividades económicas.

Este contexto congrega um conjunto de comportamentos diferenciados das atividades económicas que integram cada sector (Gráfico 3). Nos sectores das indústrias, os valores médios de produtividade do trabalho registam uma dispersão significativa entre atividades, com os Produtos farmacêuticos, Químicos e os Produtos petrolíferos e coque a distinguirem-se com níveis de produtividade do trabalho muito acima da média das outras atividades. No extremo oposto, com níveis relativamente baixos de produtividade do trabalho, surgem as indústrias alimentares e de bebidas, bem como a indústria têxtil, de vestuário e calçado, que podem ainda ser caracterizadas por serem intensivas no fator de produção do trabalho. No sector dos serviços, a dispersão de níveis de produtividade é inferior se excluirmos as categorias de trabalho muito intensivo, como o alojamento e restauração e a educação.

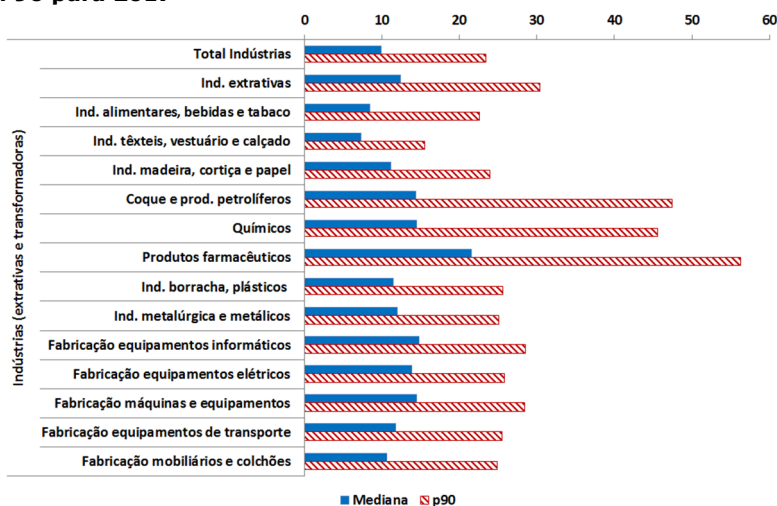
Graf. 3. Produtividade do trabalho, por atividade económica | Valores médios para 2017

Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP).

Nota: O eixo das abcissas foi truncado em 40, com o valor da produtividade relativo à "Eletricidade, gás, vapor e água" a registar-se para além do gráfico, cifrando-se em cerca de 654, em 2010, e em 1016, em 2017.

Analisando com maior detalhe os dados das diferentes empresas dentro de cada setor, podemos observar uma significativa dispersão nos níveis de produtividade entre empresas.

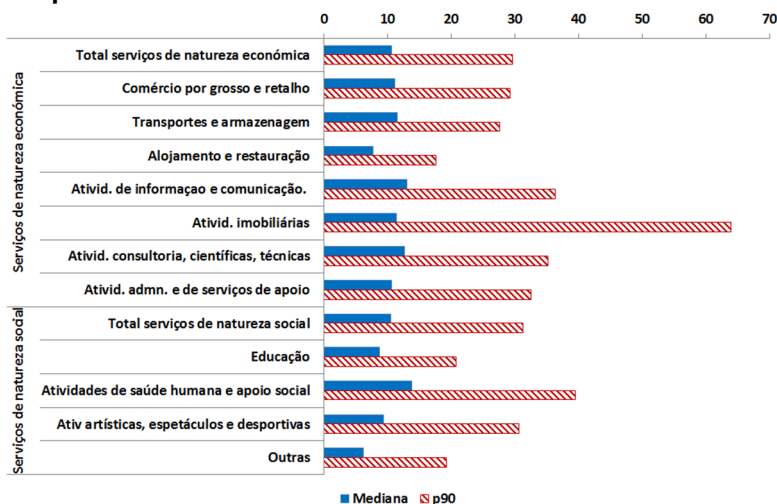
Começando pelo sector das Indústrias (Gráfico 4), importa mencionar que as atividades, que anteriormente destacámos como tendo valores médios de produtividade mais altos, i.e. os Produtos farmacêuticos, Químicos e os Produtos petrolíferos, se caracterizam simultaneamente por terem empresas medianas com produtividades do trabalho relativamente mais produtivas e por terem as melhores empresas (cuja produtividade se situa acima dos 90%) com níveis de produtividade anormalmente altos, observando-se uma grande dispersão da produtividade nestes setores. Já as empresas que operam em atividades relacionadas com a fabricação, seja de equipamentos informáticos, maquinaria ou elétricos, parecem conseguir diferenciar-se menos entre si em termos de produtividade do trabalho, conseguindo, porém, que a empresa mediana obtenha valores de produtividade de trabalho melhores do que o conjunto da Indústria.

Graf. 4. Produtividade do trabalho da indústria, por atividade económica | Valores medianos e do percentil 90 para 2017

Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP).

O sector dos serviços (Gráfico 5) apresenta uma menor disparidade em termos da produtividade (comparando a empresa mediana e as top performers do percentil 90), se excluirmos as empresas que trabalham na área do alojamento e restauração e da educação. Por contraponto, a dispersão intra-atividade económica não é negligenciável neste último sector, sendo particularmente bem ilustrada com a disparidade entre a produtividade das melhores empresas e da empresa mediana nas áreas das Atividades imobiliárias, de Comunicação e informação, de Saúde, e também de Consultoria e Atividades científico-técnicas.

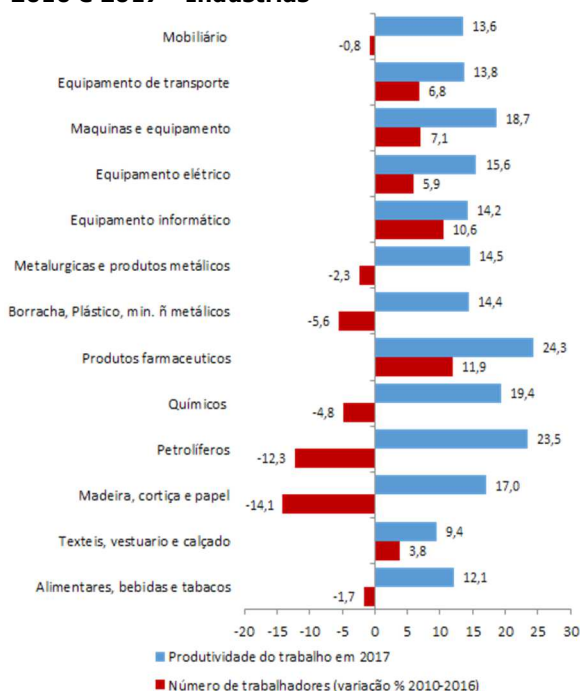
Graf. 5. Produtividade do trabalho dos serviços, por atividade económica | Valores medianos e do percentil 90 para 2017



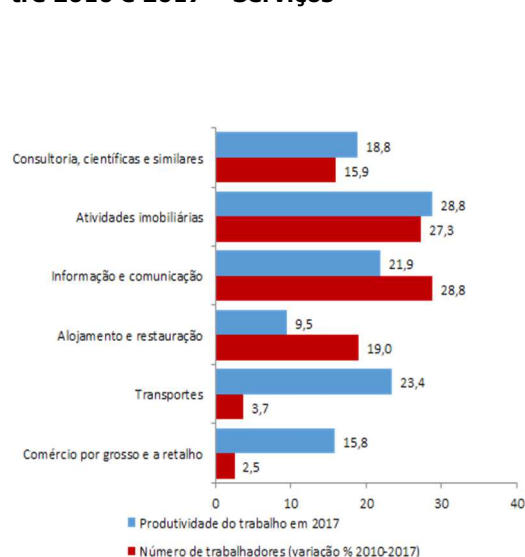
Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP).

O comportamento desigual da produtividade dos sectores poderia indiciar que sectores mais produtivos atrairiam mais emprego. Contudo, esta hipótese nem sempre se verifica. Por exemplo, o sector da Energia, Água e Construção foi o sector em que perdeu mais emprego entre 2010 e 2017 e um dos que registou maior crescimento da produtividade. Também os sectores dos Químicos e dos Petrolíferos, que apresentam níveis elevados de produtividade do trabalho registaram significativas diminuições do número de trabalhadores que empregam (Gráfico 6). Nos serviços, o sector com um nível inferior de produtividade, Alojamento e restauração, foi aquele que registou um dos crescimentos mais acentuados em termos de emprego (Gráfico 7).

Graf. 6. Produtividade do trabalho em 2017 e variação do número de trabalhadores entre 2010 e 2017 - Indústrias



Graf. 7. Produtividade do trabalho em 2017 e variação do número de trabalhadores entre 2010 e 2017 – Serviços



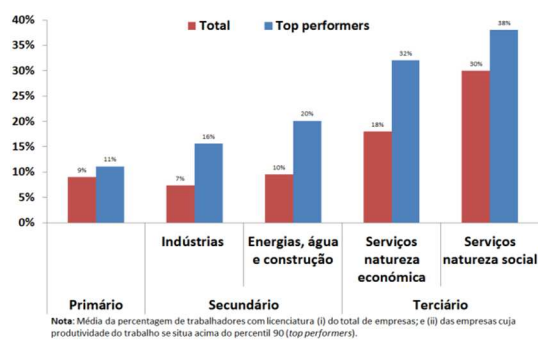
Fonte: Eurostat para o número de trabalhadores. Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP) para a produtividade do trabalho.

3. Produtividade do Trabalho – Comparação por características das empresas

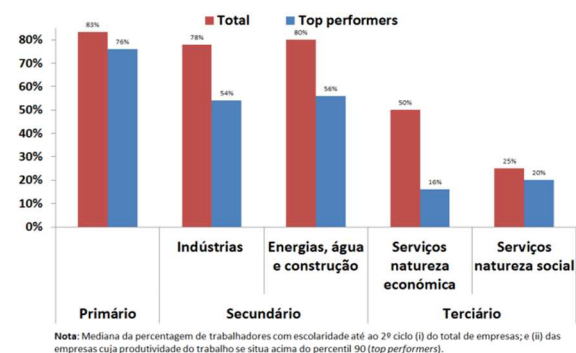
Na medida em que a dispersão dos níveis da produtividade entre empresas do mesmo sector não é negligenciável, interessa averiguar se e quais características distinguem as melhores empresas (cuja produtividade se situa acima dos 90%) de cada sector das suas congéneres medianas.

Como primeira característica distintiva, podemos observar que a escolaridade dos trabalhadores nas empresas mais produtivas é mais elevada, ou seja, as melhores empresas empregam relativamente mais trabalhadores com graus de escolaridade superiores (Gráficos 8 e 9). As empresas mais produtivas apresentam uma percentagem de trabalhadores com qualificações mínimas de licenciatura de 26% da mão-de-obra, cerca de 10pp acima da empresa média. De notar que os Serviços são o setor que mais utiliza mão-de-obra qualificada e o setor primário o que utiliza intensivamente menores qualificações (até ao 2º ciclo). Acresce que as melhores empresas tendem a investir cerca do dobro em formação do pessoal, ainda que os gastos com formação representem uma escassa fração dos gastos com pessoal.

Graf. 8. Habilitações literárias: trabalhadores com licenciatura ou nível de educação superior em percentagem do total de trabalhadores | 2017



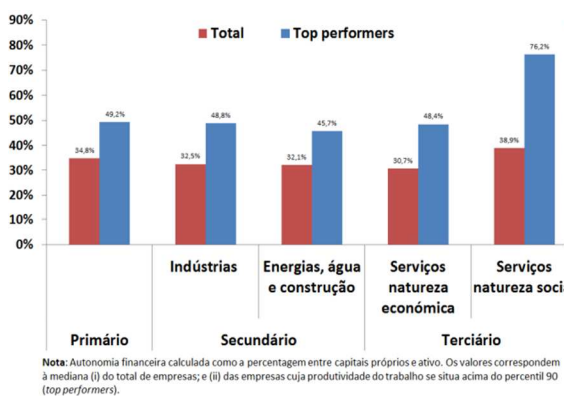
Graf. 9. Habilitações literárias: trabalhadores com escolaridade até ao 2º ciclo em percentagem do total de trabalhadores | 2017



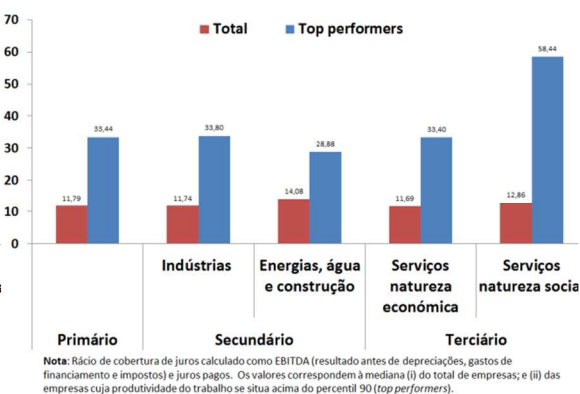
Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP).

Em termos de estrutura de financiamento, as melhores empresas têm níveis de endividamento inferiores e, portanto, uma maior autonomia financeira (Gráfico 10), bem como uma maior capacidade de ressarcir as suas responsabilidades (e o seu custo) (Gráfico 11). Mais concretamente, as empresas mais produtivas apresentam uma estrutura de financiamento mais capitalizada em cerca de 20 p.p. do que a empresa mediana (cerca de 31%) e maior capacidade de pagar a sua dívida, com um rácio de cobertura de juros superior em 22 p.p. O sector dos Serviços destaca-se pelos menores níveis de endividamento

Graf. 10. Autonomia financeira | 2017



Graf. 11. Rácio de cobertura de juros | 2017

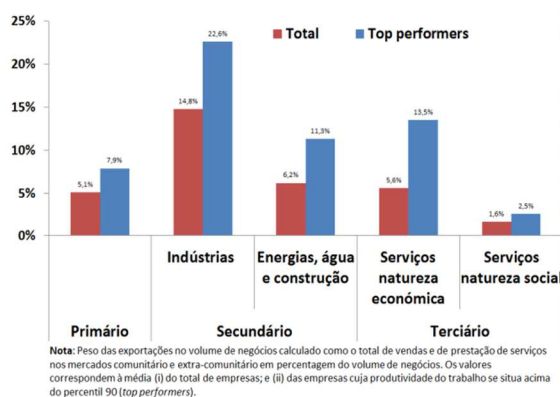


Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP).

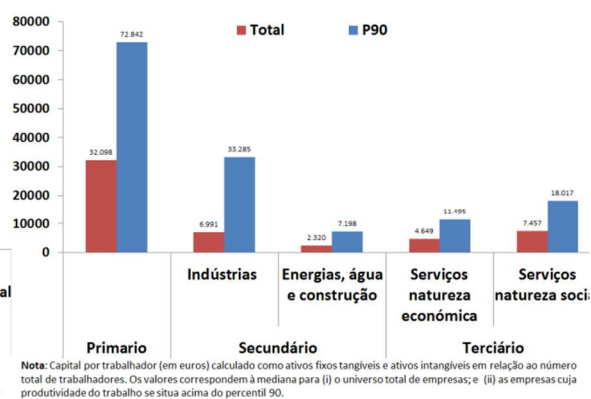
Em termos globais, as melhores empresas em termos de produtividade do trabalho também exibem um peso superior das exportações no seu volume de negócios (Gráfico 12), apresentando o dobro do peso das exportações no volume de negócios (o que compara com a média das empresas que exporta cerca de 6 % do seu volume de negócios), bem como um nível de capital por trabalhador bastante superior (Gráfico 13). De notar que os resultados para o setor primário poderão traduzir algum enviesamento na medida em que pode haver muitos agentes neste sector que operem como empresários em nome individual e estes foram, por motivos metodológicos, excluídos desta análise. Assim, as sociedades consideradas que relevam para este setor são apenas as empresas com uma dimensão mais significativa. Acresce que os ativos tangíveis deste sector assentam em larga medida em terrenos (que valorizam em vez

de depreciar, como os tradicionais ativos tangíveis), o que pode contribuir para apresentar valores de intensidade de capital por trabalhador superiores aos dos restantes setores.

Graf. 12. Peso das exportações no volume de negócios | 2017



Graf. 13. Capital por trabalhador | 2017



Fonte: Cálculos dos autores a partir de dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE) e dos Quadros de Pessoal (QP).

Já no que diz respeito ao investimento em Investigação e Desenvolvimento (I&D), não é possível discernir um padrão muito diferenciado entre as empresas medianas e as melhores empresas em termos de produtividade. Desde logo, os valores de investimento em I&D são baixos. No que concerne ao pessoal afeto a I&D, a representatividade desse pessoal no total do emprego total da empresa é maior nas melhores empresas, contudo apenas nos sectores primário, das indústrias e nos serviços de natureza económica. Porém, esse padrão deixa de se verificar se atentarmos à percentagem de ativos intangíveis no total do ativo das empresas.

4. Potenciais ganhos de produtividade – cenários

A elevada dispersão da produtividade a nível sectorial indicia ganhos potenciais significativos que se podem concretizar se as empresas menos produtivas tiverem acesso a melhores recursos (humanos, capital e tecnologia/conhecimento) ou se houver maior eficiência na sua aplicação. Os cenários apresentados na tabela seguinte simulam o impacto sobre a produtividade agregada da economia admitindo diversas hipóteses relativas à convergência das empresas com níveis mais baixos de produtividade para diferentes patamares:

- i) Mediana da distribuição da produtividade das empresas;
- ii) Média da distribuição da produtividade;
- iii) Empresa no Percentil 90 (p90); e
- iv) Mediana das empresas acima do percentil 90 (top performers).

O impacto dos cenários de uma melhoria da produtividade é diferenciado consoante os sectores, sendo mais significativo no sector primário e nos serviços. Isto parece indicar que há maior potencial de melhoria nestes sectores uma vez que a disparidade entre a produtividade das melhores empresas e as produtividades mediana e média superior.

Conforme se verifica, o cenário (i) em que todas as empresas com produtividade inferior à mediana atingem esse nível de produtividade apenas permite alterar marginalmente a posição relativa de Portugal (passando da 20ª economia mais produtiva para a 19ª posição). Isto decorre do facto de haver metade da distribuição, ou seja, metade das empresas com níveis de produtividade baixos (abaixo da média). Contudo, há que considerar que os dados individuais (empresa a empresa) não foram ponderados, o que significa que este valor mediano

ignora a dimensão e importância relativa das empresas no tecido empresarial nacional. Já na hipótese em que a produtividade das empresas com valores inferiores converge para a média (cenário ii) a economia portuguesa passaria para a 14ª posição.

Se todas as empresas portuguesas tivessem uma produtividade igual à do p90 (cenário iii), Portugal teria a 10ª produtividade mais elevada da UE, cerca de 11% acima da média da UE e ligeiramente abaixo da média da área do euro. A média da área do euro apenas seria superada na hipótese em que todas as empresas portuguesas se tornassem tão produtivas como a empresa mediana entre as 'top performers', ou seja, ao nível das melhores 5% das empresas (cenário iv).

Quadro 1 - Cenários de Potencial de Crescimento da Produtividade em Portugal

	Total da Economia		Setores				
	Em % da UE (PPS)	Em valor (€/h)	Primário	Secundário		Terciário	
				Indústrias	Energias e construção	Serv. nat. económica	Serv. nat. social
União Europeia	100	35,7	11,3	40,7	34,5	39,4	30,3
Área do Euro	114,4	41,1	16,7	51,0	40,7	43,9	34,2
1 Irlanda	175,7	72,5	12,5	203,6	39,0	68,6	37,1
2 Luxemburgo	173,9	77,0	52,9	52,8	40,7	70,7	65,2
3' iv. PT (econ= mediana p90)	161,7	46,2	21,6	42,4	31,3	54,2	51,0
3 Bélgica	135,8	53,6	20,5	70,8	55,7	54,3	45,0
4 Dinamarca	134,9	62,1	41,4	86,0	58,4	N/A	50,5
5 Alemanha	127,6	49,1	25,7	62,6	46,7	52,2	42,2
6 Holanda	125,7	50,4	35,2	68,6	41,9	48,6	46,9
7 França	124,8	48,7	20,6	58,0	48,3	55,3	43,0
8 Áustria	117,4	46,2	10,9	59,8	54,0	49,1	37,7
9 Suécia	113,4	52,1	23,0	67,8	53,6	N/A	N/A
10' iii. PT (economia=p90)	111,4	31,8	14,1	31,6	20,5	37,4	34,4
10 Finlândia	108,9	46,7	23,3	65,7	42,9	53,9	37,6
11 Itália	101,6	35,8	13,8	37,9	32,9	40,0	28,8
12 Reino Unido	97,7	38,8	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
13 Espanha	97,4	32,1	20,9	37,9	40,8	32,4	25,0
14' ii. PT (economia min= média)	90,5	25,8	9,2	23,2	29,5	28,8	23,6
14 Eslovénia	82,5	23,3	5,1	27,2	24,7	26,4	20,5
15 Malta	81,4	23,7	N/A	N/A	N/A	N/A	28,9
16 Eslováquia	76,4	18,8	19,6	19,3	22,9	18,4	17,0
17 Chipre	76,2	23,7	7,8	16,3	23,2	26,2	20,0
18 República Checa	74,5	18,0	12,4	18,8	17,3	19,0	15,3
19' i. PT (setor min= mediana)	73,8	21,0	7,8	20,4	20,8	23,7	19,8
19 Lituânia	66,6	15,2	6,7	18,2	14,6	19,3	9,9
20 Portugal	65,5	18,7	6,1	17,9	19,5	21,0	17,4
21 Estónia	65,4	17,3	12,2	14,3	21,4	20,8	12,6
22 Croácia	64,3	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A
23 Grécia	64,1	18,6	6,8	24,8	18,9	19,6	18,8
24 Hungria	63,1	13,3	9,5	17,0	11,5	14,2	10,4
25 Polónia	60,7	12,4	3,9	12,0	14,2	16,0	9,5
26 Roménia	58,7	10,8	2,6	11,9	9,7	15,2	11,4
27 Letónia	58,2	14,1	6,4	12,8	14,3	17,1	11,7
28 Bulgária	45,2	7,7	2,1	8,0	9,8	9,4	6,7

Fonte: Eurostat, SCIE, Quadros de Pessoal e cálculos GEE.

Notas: 1ª coluna: Produtividade do trabalho, em percentagem da UE, em *purchasing power standards* (PPS), 2017. Restantes colunas. Produtividade do trabalho, em euros, por hora trabalhada (valores nominais, 2017). As linhas destacadas correspondem aos cenários em que (i) empresas com produtividade inferior à produtividade mediana assumem produtividade mediana, restantes empresas mantêm produtividade verificada; (ii) empresas com produtividade inferior à produtividade média assumem produtividade média, restantes empresas mantêm produtividade verificada; (iii) todas as empresas assumem a produtividade verificada no percentil 90; (iv) todas as empresas se situam na mediana do último decil. Nos cenários (i) e (ii) é calculada uma média da produtividade do trabalho após a aplicação do cenário. O valor apresentado para estes cenários resulta 1) dos valores da produtividade obtidos para o Total da Economia/ Setores através dos microdados do SCIE/QP convertidos para a escala dos indicadores do Eurostat (fazendo equivaler o valor da produtividade calculada de acordo com os microdados ao valor registado por Portugal no Eurostat), 2) aos quais foram aplicados os 4 cenários acima apresentados.

5. Considerações Finais

Desde 2010 a produtividade das empresas portuguesas apresenta uma evolução sectorialmente heterogénea, com destaque para os setores primário, com o crescimento mais acentuado, e de serviços de natureza social, com o crescimento mais lento.

Para além da disparidade dos níveis de produtividade das empresas portuguesas entre setores, fatores idiossincráticos parecem também ajudar a explicar as diferenças intrassetoriais. Em termos genéricos, uma escolarização mais elevada, mais formação, bem como mais capital por trabalhador são os fatores que se verificam nas top performers. Acresce que empresas

financeiramente mais autónomas, ou seja, menos endividadas, tendem também a apresentar níveis de produtividade superiores.

A capacidade de algumas empresas se distinguirem em termos de produtividade parece indicar algum potencial para melhorias de produtividade nas outras empresas. Contudo, se todas as empresas portuguesas tivessem uma produtividade igual à do p90 (um cenário muito otimista), Portugal teria a 10ª produtividade mais elevada da UE, cerca de 11% acima da média da UE mas ainda ligeiramente abaixo da média da área do euro.

Notas metodológicas

Salvo referência expressa, os dados utilizados advêm dos Quadros de Pessoal e do Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE), o qual não inclui informação relativa a empresas das Atividades Financeiras e de Seguros nem da Administração Pública e Defesa. O cálculo da produtividade do trabalho por hora é apenas possível para empresas que reportem trabalhadores com horas remuneradas. Foram excluídas todas as empresas em nome individual, bem como as empresas que não reportam dados no âmbito dos Quadros de Pessoal. Assim, o número de sociedades consideradas para este exercício corresponde a cerca de 50% das empresas que estão incluídas no SCIE.

Os setores de atividade (CAE Rev3) estão agregados da seguinte forma:

- Setor primário: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca (Secção A)
- Setor secundário
 - Indústrias: extrativas (e.g. extracção de hulha e petróleo) e transformadoras (e.g. têxteis, vestuário, produtos petrolíferos, metalurgia, mobiliário, produtos farmacêuticos) (Secção B-C)
 - Energia, água e construção (Secção D-F)
- Setor terciário
 - Serviços natureza económica
 - Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis e motocicletas (Secção G)
 - Transportes e armazenagem (Secção H)
 - Alojamento, restauração e similares (Secção I)
 - Atividades de informação e de comunicação (Secção J)
 - Atividades imobiliárias (Secção L)
 - Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares (Secção M)
 - Atividades administrativas e dos serviços de apoio (Secção N)
 - Serviços natureza social
 - Educação (Secção P)
 - Atividades de saúde humana e apoio social (Secção Q)
 - Atividades artísticas, de espectáculos, desportivas e recreativas (Secção R)
 - Outras actividades de serviços (Secção S)
 - Atividades das famílias empregadoras de pessoal doméstico e atividades de produção das famílias para uso próprio (Secção T)
 - Atividades dos organismos internacionais e outras instituições extra-territoriais (Secção U)